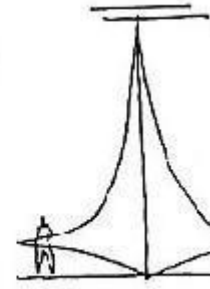


PROMETEUS

Filosofia em Revista

Universidade Federal de Sergipe

ano 6 n. 12 julho-dezembro de 2013



ENERGÉTICA E HERMENÊUTICA: “O PROBLEMA EPISTEMOLÓGICO DO FREUDISMO” DISCUTIDO POR PAUL RICOEUR

Dr. Ricardo Jardim Andrade
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Pode-se considerar como científico o discurso freudiano? Esta é uma questão que tem sido discutida desde os primórdios da psicanálise e recebido por parte de vários estudiosos, notadamente de lógicos, a resposta negativa. Em consonância com tais críticas, alguns teóricos se empenharam para oferecer à psicanálise uma roupagem compatível com as exigências dos lógicos. Os ensaios de releitura do discurso freudiano vêm tanto do interior da psicanálise como do exterior. No primeiro caso, situa-se a tentativa de D. Rapaport de reintegrar a psicanálise na psicologia científica. No segundo, o empenho de B. F. Skinner para se apropriar da teoria psicanalítica, tendo em vista submetê-la ao esquema behaviorista estímulo-resposta. Ricoeur contesta energicamente esta postura reducionista. As reformulações operacionalistas e behavioristas, como denuncia o pensador francês, sequer acenam com a possibilidade de se colocar a questão do sentido. Ora, alijar o sentido do discurso metapsicológico é desfigurar a psicanálise, a ponto de torná-la irreconhecível. Contudo, não é menos grave a falta inversa: reter apenas a interpretação, sem levar em conta as *forças* que distorcem o sentido. No entanto, este equívoco foi cometido por vários teóricos, notadamente, R. Dalbiez e J. Hyppolite. O primeiro distingue e separa a doutrina freudiana, considerada por ele como fisicista e naturalista, do método psicanalítico, o qual, no seu entender, seria bem fundamentado e corresponderia à psicanálise propriamente dita. Fazendo eco a Dalbiez, Hyppolite denuncia o contraste entre o suposto positivismo teórico de Freud e o seu método clínico interpretativo. O ponto mais crítico do discurso freudiano seria a concepção energética do psiquismo. Ricoeur retoma a discussão do “problema epistemológico do freudismo” no ponto em que Hyppolite a deixou. Este problema, para ele, toma a forma de uma *aporia* cujos termos são a *energética* e a *hermenêutica*. Como justificar uma *econômica* que se funda na interpretação clínica dos sonhos, sintomas e atos falhos e uma *interpretação* que deve necessariamente recorrer à explicação econômica, com seus modelos energéticos, profundamente estranhos ao sentido? Segundo Ricoeur, o discurso psicanalítico é simultaneamente energético e hermenêutico, explicativo e interpretativo. “A psicanálise não é uma ciência de observação”, sintetiza nosso pensador, mas uma ciência hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Ricouer. Freud. Behaviorismo

ABSTRACT: Can the Freudian discourse be considered as scientific? This issue has been discussed since the birth of psychoanalysis and it has been given a negative answer from several researchers, mainly logicists. According to these criticisms, some theorists took great interest in giving psychoanalysis an external appearance compatible with the logicists demands. Re-reading essays on the Freudian discourse come from the interior of psychoanalysis as well as the exterior. In the first case, we can find D. Rapaport attempt to reintegrate psychoanalysis into the scientific psychology. In the second, B.F. Skinner effort to appropriate to himself the psychoanalytical theory in order to submit it to the behaviourist stimulus-response scheme. Ricoeur bravely contests this reductive disposition. The operationalist and behaviourist attempts to reformulate it, as the French thinker denounces, are far from touching the possibility of opening the question of meaning. Nevertheless, to cast away the meaning from the metapsychological discourse is to disfigure psychoanalysis to the point of making it irrerecognizable. However, it is not less serious the inverse mistake: to keep interpretation without taking into account the *forces* that distort meaning. But this mistake was made by several theorists such as R. Dalbiez and J. Hyppolite. The first one distinguishes and separates the Freudian doctrine, considered by him physisist and naturalist, from the psychoanalytical method, at its turn considered well-founded and corresponding to psychoanalysis itself. Echoing Dalbiez's point of view, Hyppolite denounces the contrast between the supposedly theoretical Freudian positivism and his interpretative clinical method. Freudian's discourse most critical point would be the psychism energetic conception. Ricoeur resumes "Freudism epistemological discussion" at the point that Hyppolite had left it. For him, this problem takes the shape of an *aporia* which terms are of *energetics* and *hermeneutics*. How is it possible to justify an *economics* which founds itself in the interpretation of dreams, symptom and *lapsus linguae* and an *interpretation* that must necessarily evoke an economic explanation with its energetic patterns deeply strange to the meaning? According to Ricoeur, psychoanalytical discourse is simultaneously energetic and hermeneutic, explanatory and interpretative. "Psychoanalysis is not an observational science", synthesizes our thinker, but an hermeneutic science.

KEYWORDS: Ricouer. Freud. Behaviorismo.

1. INTRODUÇÃO

Freud sempre teve a preocupação de oferecer às suas investigações e descobertas clínicas um arcabouço conceptual. Seu projeto era construir um novo campo de inteligibilidade para os fenômenos e processos psíquicos com base na observação clínica das neuroses e dos sonhos. Surgiu, assim, o que ele próprio denominou “metapsicologia”, vale dizer, a teoria psicanalítica. Trata-se do estudo do psiquismo – ou da alma (*Seele*) humana, para empregar o termo preferido de Freud, como nos mostrou Bruno Bettelheim (1984) - sob tríplice ponto de vista, a saber, o tópico, que recorre à metáfora do lugar psíquico (sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, na primeira tópica; as instâncias do id, ego e superego, na segunda tópica); o ponto de vista econômico, que emprega a metáfora da energia psíquica, regulada por princípios análogos aos que regulam a energia física, a saber, princípios de inércia e constância; e, finalmente, o ponto de vista dinâmico, que corresponde à metáfora do conflito psíquico, cuja base é sempre de ordem pulsional (pulsões sexuais *versus* pulsões de autoconservação ou do ego, na primeira classificação; pulsões de vida *versus* pulsões de morte, na segunda classificação).

Freud, contudo, não se limitou à investigação dos fenômenos clínicos e à elaboração de uma teoria complexa para explicá-los, mas procurou aplicar os modelos metapsicológicos no campo da cultura. O mesmo desejo que dinamiza o “aparelho psíquico” e produz sonhos, sintomas e atos falhos sustenta as mais elevadas criações humanas. Ele transpôs, assim, o modelo onírico do desejo, para a interpretação da cultura. “A psicanálise”, assevera Ricoeur, “vale na medida em que a arte, a moral e a religião são figuras análogas, variantes da máscara onírica. Toda a dramática do sonho encontra-se, assim, generalizada às dimensões de uma poética universal” (1977, p.141; 1965, p. 164). Não se pode, portanto, reduzir a psicanálise a “uma explicação dos resíduos da existência humana, dos avessos do homem”. Ela é fundamentalmente, como insiste o pensador francês, “uma hermenêutica da cultura” (cf. Ricoeur, 1978 p.105; 1969, p. 122).

A psicanálise da cultura, porém, importa ressaltar, é mais do que uma psicanálise aplicada, pois a própria metapsicologia foi modificada sob o impacto do dado não clínico. Com efeito, nem a segunda tópica, nem a segunda classificação das pulsões seriam viáveis se a atenção de Freud não tivesse se desviado do recalcado para a instância que recalca, do desejo para a autoridade, da clínica para a cultura (Cf. Freud, 1976, p.76).

Em *Da interpretação, ensaio sobre Freud* (1965), Ricoeur, depois de situar a psicanálise no “conflito das interpretações”, empreende uma leitura e uma interpretação filosófica do discurso freudiano. Daí a divisão da obra em três partes, a saber, “Problemática: situação de Freud” (Livro I), “Analítica: leitura de Freud” (Livro II) e “Dialética: uma interpretação filosófica de Freud” (Livro III). A discussão do “problema epistemológico de freudismo” - tema central do presente estudo -, embora já anunciado na introdução do Livro II, corresponde ao primeiro capítulo do Livro III, cujo título é: “Epistemologia: entre psicologia e fenomenologia”. Neste capítulo, como mostraremos, Ricoeur se defronta com lógicos, psicólogos e, também, pensadores de formação fenomenológica, que rejeitam a metapsicologia, tal como Freud a formulou, e retêm apenas uma vertente do discurso freudiano, ou bem a energética (modelos teóricos reformulados por psicólogos experimentais a partir das críticas dos lógicos) ou bem a hermenêutica (interpretação clínica desvinculada da doutrina freudiana). A epistemologia da psicanálise forjada por Ricoeur a partir desta discussão, por um lado, assume integralmente o discurso misto de Freud – energético e hermenêutico – e sustenta que “a psicanálise não é uma ciência de observação”, mas uma ciência hermenêutica; por outro lado, ela é a chave da releitura do discurso freudiano empreendida por este pensador (Livro II) e da maneira como ele se apropria do mesmo, no horizonte fenomenológico-hermenêutico, para repensar a existência (capítulos II, III e IV do Livro III).

No presente artigo, apresentaremos, inicialmente, algumas das críticas mais significativas formuladas pelos lógicos ao estatuto de cientificidade pretendido pela psicanálise (2). Em seguida, trataremos das tentativas operacionalistas e behavioristas (David Rapaport e B. F. Skinner) de reformulação da psicanálise, para aproximá-la, em consonância com as críticas dos lógicos, da psicologia científica (3). Prosseguiremos

pela análise da redefinição do estatuto epistemológico da psicanálise sugerida por Ricoeur (4), em duas etapas: depois de expor as críticas deste pensador às reformulações mencionadas, que visam transformar a psicanálise em ciência de observação (4.1), discutiremos a sua proposta hermenêutica. Contra os teóricos já citados e, também, contra os teóricos de formação filosófica e fenomenológica, em particular, Roland Dalbiez e Jean Hyppolite, que rejeitam a doutrina freudiana, supostamente fisicista, naturalista e positivista, para admitirem apenas o método psicanalítico, tal como se manifesta na clínica, Ricoeur assume o discurso freudiano integralmente, ou seja, em sua dupla vertente: energética e hermenêutica (4.2). Finalmente, apoiando-nos em algumas oportunas reflexões de Charles Taylor sobre o ensaio *Da interpretação*, ressaltaremos algumas das principais implicações epistemológicas da defesa do caráter misto do discurso freudiano empreendida por Ricoeur, na obra em questão, implicações estas que dizem respeito não apenas à psicanálise, mas às ciências humanas em geral (5). Na conclusão (6), indicaremos, em linhas gerais, a contribuição do discurso freudiano, tal como repensado por Ricoeur, para uma renovação da compreensão da existência e, portanto, da antropologia filosófica.

2. A PSICANÁLISE E AS EXIGÊNCIAS DA METODOLOGIA CIENTÍFICA

Pode-se considerar como científico o discurso freudiano? Esta é uma questão que tem sido discutida desde os primórdios da psicanálise e recebido por parte de vários estudiosos a resposta negativa. Epistemólogos, semanticistas, filósofos da linguagem e, notadamente, lógicos ⁽¹⁾ se debruçaram longamente sobre os conceitos, as proposições, a argumentação e a estrutura teórica da disciplina fundada por Freud e, em geral, chegaram à conclusão de que ela não satisfaz as mais elementares exigências de uma teoria científica (cf. Ricoeur, 1977, p. 285; 1965, p.338).

De acordo com os critérios lógicos,

A psicanálise, para poder ser considerada como saber científico, deveria alcançar seu objeto através de uma observação controlada pela experiência, formulada em proposições definidas, desenvolvida por hipóteses capazes de antecipar fatos novos a partir dos já estabelecidos, confrontada com as possíveis

alternativas, de modo a que seus resultados fossem quantificáveis e pudessem enfrentar as tentativas de refutação (Pando, 1978, p.449).

Ora, segundo vários críticos, a psicanálise não se enquadra nesta definição. Seus conceitos pecam por generalidade e ausência de rigor e clareza, suas hipóteses e construções teóricas, por excessiva complexidade e sua linguagem, antropomórfica, por imprecisão e ambiguidade. “Essa terminologia vaga, susceptível de múltiplas significações, exige a interpretação, com toda a carga de subjetivismo que isto implica” (ibid., loc.cit). Por falta de um processo comparativo e de investigação estatística, a interpretação violenta os dados e deturpa os fatos. Na verdade, a psicanálise carece de grupos de controle capazes de se certificar da legitimidade de suas observações e interpretações. Incapaz de dispor de um controle objetivo, substitui a força da verificação pelo acúmulo de casos. Ao que tudo indica, por ser clínico, o método psicanalítico não pode ser experimental. A rigor, as “provas” experimentais apresentadas por Freud são puramente anedóticas: referem-se a situações particulares que não podem ser repetidas.

Acrescente-se a isto que, não obstante as intenções de Freud, as proposições psicanalíticas não são quantificáveis. São tantas as variáveis que entram em jogo na clínica que a medição das mesmas é inexecutável. Ora, “por muito que se amplie a coleção de dados, se estes não são quantificados, carecem de significação científica” (ibid., p. 454).

Articuladas com a imprecisão conceptual e a carência de base experimental, convêm apontar duas outras características da psicanálise que negam o seu valor de cientificidade: por um lado, os fenômenos estudados se submetem a um conjunto tão amplo de variáveis que a *previsão* dos fatos é impraticável; por outro, como mostrou Karl Popper (1967; 2007) por serem vagas e se expressarem numa linguagem ambígua e metafórica, não há como *refutar* as teorias psicanalíticas. O adversário sempre encontra uma saída de emergência, um novo sentido que o salva. Ora, se uma teoria não pode ser demonstrada como falsa, não é verdadeira teoria científica.

A psicanálise, portanto, não satisfaz aos critérios lógicos exigidos para que um conhecimento seja considerado como científico. Não se encontra no discurso freudiano “uma ‘teoria’ no sentido da teoria molecular dos gases ou da teoria dos genes, na

biologia”, vale dizer, “um conjunto de proposições que sistematiza, explica e prevê certos fenômenos observáveis.” (Ricoeur, 1977, p. 286; 1965, p. 338).

3. A PSICANÁLISE E A PSICOLOGIA CIENTÍFICA

Em consonância com a crítica dos lógicos, há várias tentativas de aproximação da psicanálise à psicologia científica. Os ensaios de releitura da disciplina de Freud vêm tanto do interior da psicanálise como do exterior. Vale dizer: por um lado, vê-se o empenho de alguns teóricos da psicanálise no sentido de dar ao discurso freudiano uma roupagem que possa ser aceita pelos lógicos; por outro lado, constata-se o esforço de psicólogos experimentais para se apropriar da teoria psicanalítica, tendo em vista enquadrá-la nos esquemas behavioristas e operacionalistas.

A mais relevante tentativa de reformulação interna da psicanálise deve-se a D. Rapaport. Em seu ensaio *A Estrutura da Teoria Psicanalítica*, este teórico apresenta três teses que permitem a articulação da psicanálise com a psicologia experimental, pois indicam que fatos psicanalíticos podem ser tratados como “observáveis”: 1º) o tema da psicanálise é o comportamento (ponto de vista empírico); 2º) o comportamento é integrado e indivisível (ponto de vista gestáltico); 3º) todo comportamento é da personalidade integral (ponto de vista organísmico) (cf. Rapaport, 1982, p. 27-31; Ricoeur, 1977, p. 178s; 1965, p. 341).

Esta assimilação da psicanálise aos “pontos de vistas” da psicologia científica vem acompanhada da reformulação dos próprios modelos metapsicológicos, segundo as exigências da psicologia empírica. O que vemos, então, é a aproximação do ponto de vista tópico ao modelo do arco reflexo; do ponto de vista econômico, ao modelo entrópico (da tensão à redução de tensão); da teoria da libido ao modelo genético; finalmente, do ponto de vista dinâmico e também estrutural (ou tópico) ao modelo jacksoniano, segundo o qual, como nos explica Ricoeur, “os sistemas formam uma hierarquia e integrações onde o superior inibe e controla o inferior” (2).

Reformulada, assim, a metapsicologia passa a dispor de modelos assimiláveis a pontos de vista admitidos, hoje, pela maioria dos psicólogos, a saber: 1º) Todo comportamento é parte de uma série genética. A contribuição de Freud foi ter submetido

o ponto de vista genético ao econômico (cf. Rapaport, op. cit., p. 31s; Ricoeur, 1977, p. 288; 1965, p.342); 2º) Todo comportamento admite “determinantes cruciais” inconscientes. O mérito de Freud foi explicitar o que é notado (ou que é passível de ser notado); afirmar que o não notado (ou não passível de ser notado) pode ser inferido a partir do que é notado; asseverar que as regras que governam o *notado* são diferentes das que governam o *não notado*; estabelecer uma sistemática diferente entre o *não notado* e o *não passível de ser notado*; finalmente, manter o *não passível de ser notado* no campo da psicologia e não da biologia (Cf. Rapaport, op. cit., p. 33s); 3º) Todo comportamento é determinado ultimamente por impulsos. O ponto de vista dinâmico há muito sobrepuiu o preconceito da *tábula rasa* da psicologia clássica. A contribuição essencial de Freud foi ter reconhecido o privilégio da sexualidade no dinamismo pulsional (cf. *ibid.*, p. 34-36); 4º) Todo comportamento é regulado por uma energia psíquica. O que importa aqui não é a tese do caráter energético da pulsão, mas da regulação energética. Tudo o que Freud nos ensinou a respeito da energia vinculada e livre, sobre a tendência à descarga, sobre a neutralização e sob a “desagressivização” e a sublimação encontra paralelo nas teorias do psicólogo experimental Kurt Lewin, bem como na *power engineering* e na *information engineering* (cf. *ibid.*, p. 36-39; Ricoeur, 1977, p. 289; 1965, p. 343); 5º) Todo comportamento é determinado pela realidade (ponto de vista da adaptação). Segundo Rapaport, “*realidade*, na teoria psicanalítica, designa a fonte externa de estímulos, incluindo o campo do indivíduo, excetuando-se as fontes somáticas dos impulsos e afetos” (1982, p. 43). Como observa Ricoeur, o ponto de vista adaptativo “é comum não somente à psicologia, como seu esquema fundamental estímulo-resposta, mas à biologia, onde a realidade desempenha o papel de meio ambiente, e mesmo à epistemologia, onde ela se chama objetividade” (1977, p. 289; 1965, p. 343s). Como corolário deste ponto de vista da adaptação, tem-se o ponto de vista psicossocial, a saber, “todo comportamento é socialmente determinado” (cf. Rapaport, op.cit., p. 47-50).

Em suma: graças a esta reformulação teórica, a psicanálise pode ser reintegrada na psicologia científica com suas dominantes de adaptação, de estruturação e de evolução (cf. Ricoeur, 1977, p. 289; 1965, p.344). Fatores até então inobserváveis como

recalque, censura, id, ego, superego etc., passam a ser vinculados de molde claro e rigoroso à observação e a participar do aparelho conceptual da psicologia científica.

Com o trabalho de Rapaport, a *Ego Psychology*, que concebe as funções do ego como essencialmente de adaptação (3), parece ter encontrado, depois dos ensaios de H. Hartmann (1968), a sua mais adequada sistematização teórica. Contudo, o próprio Rapaport reconhece que a submissão da psicanálise às exigências da lógica, ainda está em seus primórdios:

O processo de desenvolvimento que provoca a conexão entre os observáveis e as teorias (...) é sempre vagaroso. A sofisticação metodológica e a quantificação são produtos tardios de qualquer ciência e, assim, deveriam ser metas a alcançar a longo prazo: confundi-las com alvo possíveis de alcançar em prazos curtos é erro capaz de tornar uma ciência impotente” (Rapaport, 1982, p.24).

De fora da psicanálise, uma das mais audaciosas tentativas de “reconversão operacional” da metapsicologia deve-se a B. F. Skinner. Consideremos algumas das principais teses desse autor, no que diz respeito às ciências humanas, em geral, e à psicanálise, em particular. Segundo o célebre behaviorista norte-americano,

os métodos científicos foram até agora pouquíssimo aplicados ao comportamento humano. Usamos os instrumentos da ciência: contamos, medimos, comparamos. Mas está faltando algo de essencial à prática científica em quase todos os debates atuais sobre o comportamento humano. E a omissão relaciona-se ao tratamento empregado às causas do comportamento (Skinner, 1971, p. 10).

Enquanto as explicações teleológicas ou finalistas foram há muito expulsas da física, da biologia, da química e das ciências da natureza, em geral, os estudiosos das denominadas ciências humanas, em particular da psicologia, “ainda atribuem o comportamento humano a intenções, propósitos, objetivos ou metas”, vale dizer, “a agentes internos”. Por exemplo, “os psicanalistas identificam três (...) personalidades – o ego, o superego e o id – e afirmam que sua intenção é responsável pelo comportamento do indivíduo” (ibid., p. 11). Lamentavelmente, as explicações religiosas, filosóficas e metafísicas ainda compõem o pano de fundo da grande maioria das “teorias” psicológicas. Na verdade, quase todos os pesquisadores do comportamento

humano (o filósofo, o sociólogo, o economista, o teólogo, o educador, o psicoterapeuta etc.) “continuam a falar [dele] de modo pré-científico” (ibid., p. 12).

Do ponto de vista da psicologia científica, o que interessa no homem é o comportamento, em si mesmo, e não as pseudointenções que possam estar por detrás dele. A psicologia só se torna ciência experimental eliminando o homem interior e subjetivo, com seus atributos e propriedades (consciência, liberdade, dignidade etc.). “A função do homem subjetivo é fornecer uma explicação, que por sua vez não será explicada. A explicação cessa com ele” (ibid., p. 15). É chegado o momento de a psicologia seguir o caminho da física e da biologia, “voltando-se diretamente para as relações entre o comportamento e o ambiente e desprezando supostos estados de espírito intermediários” (ibid., p.16).

O comportamento deve ser estudado “como um sistema físico, com as condições em que evolui a espécie humana e com as condições em que vive o indivíduo” (ibid., p. 15s). Somente assim é possível criar “uma tecnologia do comportamento, comparável em poder e precisão à tecnologia física e biológica” (ibid., p.9). Para Skinner, somente tal tecnologia é capaz de salvar o homem de tudo aquilo que o ameaça neste conturbado mundo em que vivemos.

Precisamos de uma tecnologia do comportamento. Poderíamos resolver rapidamente nossos problemas se pudéssemos regular o crescimento da população mundial com a mesma precisão com que regulamos o curso de uma espaçonave; ou aperfeiçoar a agricultura e a indústria com um pouco da confiança com que aceleramos partículas de alta energia, ou caminhar para a paz mundial com a progressão regular com que a física se aproxima do zero absoluto (ainda que em princípio ambos permaneçam fora de alcance). Falta, entretanto, uma tecnologia do comportamento, comparável em poder e precisão à tecnologia física e biológica (ibid., loc.cit).

É claro que enquanto continuar a admitir como causa do comportamento algo de inobservável (desejo, intenção), a psicanálise permanecerá, não obstante o propósito determinista e reducionista de Freud, no nível pré-científico (cf. ibid., p. 20; 13). O projeto de Skinner, no que diz respeito à psicanálise, é trazer os conceitos e teorias metapsicológicas para o âmbito da psicologia científica. Para tanto, esforça-se para

confirmar os conceitos e hipóteses desta disciplina, colocando-os em conexão com alguma espécie de verificável. Como diz Ricoeur, interpretando o pensamento do psicólogo norte-americano, “se uma reformulação do freudismo é possível – e na medida limitada em que o é – ela deve ser feita numa linguagem inteiramente derivada de dois observáveis ou ‘fatos’: a percepção e a resposta.” (Ricoeur, 1977, p. 291; 1965, p. 347).

Em síntese, o projeto de Skinner é aprisionar a psicanálise na camisa de força da linguagem operacionalista, expulsar os conceitos de sentido e reter apenas os conceitos que podem ser enquadrados no esquema estímulo-resposta ou, considerando-se a fórmula mais recente da informática assumida por este psicólogo, no processo de conversão pela *black box* (caixa negra) – um aparelho cujo interior é inobservável e, por isto, inteiramente desconhecido ⁽⁴⁾ – do dado de entrada (*in put*) no dado de saída (*out put*) (cf. Skinner, 1999).

4. O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DO DISCURSO FREUDIANO

No entender de Ricoeur, a assimilação da psicanálise à psicologia experimental não satisfaz nem ao psicólogo nem ao psicanalista. Na verdade, a leitura empirista violenta a própria estrutura híbrida do discurso freudiano. Segundo o pensador francês, é preciso ter a coragem de reconhecer que “a psicanálise não é uma ciência de observação” (cf. 1977, p. 293; 1965, p. 350).

Acompanhemos Ricoeur em sua crítica às reformulações operacionalistas, para em seguida discutir sua proposta de redefinição do estatuto epistemológico da psicanálise.

4.1. CRÍTICA ÀS REFORMULAÇÕES OPERACIONALISTAS

Há uma diferença básica entre a psicanálise e a psicologia behaviorista: esta versa sobre os fatos do comportamento (estímulo-resposta; entrada-saída); aquela sobre as relações de sentido entre objetos perdidos e objetos substituídos da pulsão. A bem dizer, não há “fatos” psicanalíticos, porque em psicanálise a observação vem sempre

acompanhada de interpretação. Os conceitos e teorias psicanalíticos não se fundam na observação e controle de estímulos e respostas, mas na situação analítica, que é uma situação de linguagem e, portanto, de interpretação (cf. Ricoeur 1977, p. 291-298; 1965, p. 347- 357).

A psicologia behaviorista desonhece que o comportamento é identificado não por seus contornos físicos, mas pelo sentido que o atravessa. Por maior que seja a ojeriza de Skinner ao “homem subjetivo” e “autônomo”, há que se reconhecer que

o que importa para o analista são as dimensões do meio ambiente tais como o sujeito ‘acredita’ que sejam; o que é pertinente para ele não é o fato, mas o sentido que ele toma na história do sujeito (Ricoeur, 1977, p. 297; 1965, p. 356).

A rejeição da questão do sentido como pré-científica ou mesmo anticientífica descaracteriza e distorce de tal forma o discurso freudiano que, ao pretender defrontar-se com a psicanálise, o que o behaviorista de fato encontra é algo muito diferente, que, a rigor, nada tem a ver com a disciplina de Freud. Diante do discurso psicanalítico não é possível reter isto e lançar fora aquilo: ele tem de ser aceito ou rejeitado *integralmente*. As soluções unilaterais indicam sempre uma concepção equivocada da psicanálise.

Conforme mostramos, Rapaport se esforça para transformar a disciplina de Freud numa ciência experimental. Enquanto Skinner se apropria apenas dos conceitos psicanalíticos diretamente vinculados à observação, Rapaport aceita até mesmo aqueles considerados como suspeitos do ponto de vista lógico, esforçando-se, porém, para vinculá-los de alguma forma a observáveis (cf. Rapaport, 1982, p.68s) (5).

No entender de Ricoeur, contudo, a reformulação de Rapaport permanece tão distante do discurso psicanalítico quanto a do behaviorista norte-americano. Referindo-se ao ensaio *A estrutura da teoria psicanalítica*, o pensador francês nos adverte:

Essa tentativa desconhece o essencial, a saber, que é no campo da palavra que a experiência analítica se desenrola e que, no interior desse campo, o que se evidencia é uma outra linguagem, dissociada da linguagem comum e que se deixa decifrar através

de seus efeitos de sentido: sintoma, sonhos, formações diversas etc. (Ricoeur, 1977, p. 298; 1965, p. 358).

É lamentável constatar que a reformulação operacionalista de Rapaport sequer acena com a possibilidade de se colocar a questão do sentido. E o que pode significar os pontos de vista metapsicológicos, fora da problemática do duplo sentido? No campo da tópica, tomemos o exemplo privilegiado do desejo. “Nunca é demais insistir sobre a diferença entre necessidade e desejo ⁽⁶⁾ (Wunsch)” (1977, p. 300; 1965, p. 361), pondera Ricoeur. O desejo é *realizado* no registro imaginário e simbólico e a necessidade *satisfeita* com objetos reais ⁽⁷⁾. “É essencial para essa ‘realização’ que a fantasia tenha uma relação de substituição com referência ao objeto perdido do desejo”, afirma Ricoeur. A fantasia só realiza o desejo na medida em que tem uma relação de sentido com o que foi perdido, quer dizer, o novo objeto fantasmático substitui ou simboliza o anterior.

Sonhos, sintomas, delírios, ilusões dependem, pois, de uma semântica e de uma retórica, de uma função de sentido que nem os modelos nem os pontos de vista enumerados [da psicologia científica] explicam (Ricoeur, 1977, p. 299; 1965, p. 359).

O desejo é falta, ausência. Como a falta pode entrar no esquema estímulo-resposta ou, considerando-se a fórmula mais recente de Skinner, no processo de conversão pela *black box* do *in put* no *out put* ? Como o behaviorismo pode representar factualmente a ausência? Como observar o desejo? Na verdade, o objeto ausente, o objeto perdido e o objeto substituído ou recuperado simbolicamente - tudo isto que, no dizer de Ricoeur, constitui “o pão cotidiano da psicanálise” – é solenemente ignorado pelo operacionalismo, ou seja, “por toda reformulação da metapsicologia que não parte do que advém na interlocução analítica”. A bem dizer, a psicanálise “é um trabalho de palavra com o paciente, o que a psicologia científica de forma alguma é” (Ricoeur, 1977 p.229; 1965, p. 360).

Saindo da tópica – obviamente criada por Freud para representar a expressão distorcida do desejo (o duplo sentido) e, assim, explicar a emergência do simbólico –, consideremos o “mercado dos investimentos”, a economia psíquica. O que pode significar o ponto de vista econômico fora de uma hermenêutica do sentido? Como bem

observa Ricoeur, separada de suas expressões retóricas (metáfora e metonímia), desvinculada de seu caráter linguístico (8), a economia psíquica se transforma numa “demonologia fantástica” ou num “absurdo hidráulico” (cf. 1977, p. 301; 1965, p. 362).

Na verdade, os modelos metapsicológicos, tópicos ou econômicos, a hipótese do aparelho psíquico, enfim toda a parafernália conceptual da psicanálise foi criada para dar conta da distorção de sentido: fora da interpretação nada significa.

A amputação da questão do sentido acaba por introduzir na metapsicologia, como propõe Rapaport, um novo ponto de vista, completamente estranho à psicanálise, a saber, “o ponto de vista adaptativo”. Ora, na perspectiva psicanalítica, como observa Ricoeur,

a realidade não é como em psicologia, a ordem dos estímulos, tais como são conhecidas pelo experimentador, mas o sentido verdadeiro que o paciente deve atingir através do obscuro labirinto das fantasias; é numa conversão de sentido do fantástico que o real ganha sentido” (1977, 301; 1965, p. 362).

Não existe um sentido prévio da realidade, ao qual o paciente deva adaptar-se, mas a realidade é sempre interpretada “através da visada do objetivo pulsional”. Do ponto de vista psicanalítico, realidade em si não existe: ela é, antes, constituída pelo sujeito desejante. As reformulações operacionalistas e behavioristas voltam as costas, tranquilamente, para os registros imaginário e simbólico.

O que é o *ego* em psicanálise? É Freud quem o diz: “O ego é um precipitado de investimentos de objetos abandonados” (apud Ricoeur, 1977, p. 301; 1965, p.363; cf. Freud, 1975, p. 62). A ausência está, assim, na própria constituição do ego. Não é possível, portanto, explicá-lo como a instância de adaptação ao real, como o faz a *Ego Psychology*.

Rapaport introduz na metapsicologia, conforme mostramos, “o ponto de vista psicossocial”. Ora, este não é outro que o ponto de vista tópico-econômico. Como bem acentua Ricoeur, “o campo da psicanálise é intersubjetivo a partir da própria situação analítica, e os dramas passados que vêm a ser ditos na situação analítica são também de natureza intersubjetiva” (1977, p. 301; 1965, p. 363). O social não pode ser apostado à tópica e à econômica: pertence desde sempre à estrutura do discurso metapsicológico. A necessidade de se criar um *novo* ponto de vista psicossocial manifesta uma vez mais o *esquecimento* de que a psicanálise, tanto clínica como teórica, emerge de uma situação

de linguagem. Freud quer recuperar, no “labirinto de fantasias”, por detrás de distorções e mascaramentos, o sentido originário, a expressão primeira do desejo. Seu projeto, portanto, é remeter o sujeito a sua verdade, mas nunca *adaptá-lo* à “verdade” estabelecida, ou, se quisermos, à ideologia dominante.

O que está em questão, (...) é o acesso ao discurso verdadeiro, que é coisa muito diferente da ‘adaptação’, com a qual nos apressam a estragar o escândalo da psicanálise e a torná-la socialmente aceitável (Ricoeur, 1977, p. 302; 1965, p.364).

4.2. A PROPOSTA HERMENÊUTICA

Como acabamos de mostrar, alijar o sentido do discurso metapsicológico é desfigurar a psicanálise, a ponto de torná-la irreconhecível. Contudo, não é menos grave a falta inversa: reter apenas a interpretação, sem levar em conta as *forças* que distorcem o sentido. No entanto, este equívoco foi cometido por vários teóricos da psicanálise. Para nos limitarmos à França – e, assim, situarmos o ensaio *Da Interpretação* numa perspectiva histórica –, mencionaremos dois exemplos significativos: os de Roland Dalbiez e Jean Hyppolite.

Em sua obra *O método psicanalítico e a doutrina freudiana* (1936) (9), que, no dizer de Pierre Laurent Assoun, “exprime com uma sinceridade reveladora o que será, por longo tempo, o fundo da posição francesa em relação à psicanálise” (Assoun, 1981, p. 20), Dalbiez distingue o método psicanalítico, cientificamente fundado, da doutrina freudiana, de cunho fisicista, naturalista e positivista, a qual seria inverificável. Segundo Dalbiez, a metapsicologia tem mais a ver com a metafísica do que com o pensamento científico. A repercussão desta postura dualista nos meios psicanalíticos franceses pode ser constatada com nitidez ao se considerar o nascimento da Sociedade Psicanalítica de Paris: seus membros fundadores se julgavam comprometidos não com a doutrina freudiana, mas com o método psicanalítico! (cf. *ibid.*, p.20-23).

J. Hyppolite, no artigo *Psicanálise e filosofia* (1955), nos confia que, no seu entender, a obra de Freud traz surpresa e decepção: “Há um contraste evidente entre a linguagem positivista de Freud (...) e o caráter de pesquisa e descoberta [de sua obra]”

(J. Hyppolite, apud Assoun, *ibid.*, p.23). A pesquisa de Freud vale infinitamente mais que sua linguagem. Esta última, impregnada pela concepção topológica, manifesta o positivismo mais grosseiro. Já a pesquisa psicanalítica realizou conquistas essenciais: “interpretação dos fenômenos de consciência como fenômenos significativos, revolução no método de exploração do psiquismo pela ideia de totalidade significativa” (Id. *ibid.*, apud Assoun, p. 24). Para salvar estas preciosas aquisições é preciso traduzi-las para a linguagem bem estruturada da fenomenologia. O ponto mais crítico do discurso psicanalítico, aquele que mais resiste à leitura fenomenológica é, no entender de Hyppolite, a concepção energética do psiquismo: “Há um contraste entre a representação energética (...) que Freud faz do aparelho psíquico, e o método de ‘pesquisa do sentido’ que ele inaugura”. Sintetizando sua crítica, este pensador afirma que a psicanálise reúne, numa mesma linguagem, duas concepções heterogêneas e incompatíveis: “naturalismo e hermenêutica” (Id. *ibid.*, apud Assoun, *ibid.*, p. 25s). Cabe à filosofia descobrir a identidade epistemológica da psicanálise (10).

Ricoeur retoma “o problema epistemológico do freudismo” (11) no ponto exato em que Hyppolite o deixou. Este problema, com efeito, toma a forma de uma *aporia* cujos termos são a *energética* e a *hermenêutica*.

Como compor uma interpretação do sentido pelo sentido com uma econômica de investimentos, de desinvestimentos e de contrainvestimentos? À primeira vista, parece que há antinomia entre uma *explicação* regulada pelos princípios da metapsicologia e uma *interpretação* que se move necessariamente entre significações e não entre forças, entre representações e não entre pulsões. Todo o problema da epistemologia freudiana parece concentrar-se numa única questão: como é possível que a explicação econômica *passe por* uma interpretação que versa sobre significações e, em sentido oposto, que a interpretação seja *um momento* da explicação econômica? (Ricoeur, 1977, p.68; 1965, p. 76. Os dois primeiros grifos são nossos).

Quer dizer, como justificar uma *econômica* que se funda na interpretação clínica dos sonhos, sintomas e atos falhos e uma *interpretação* que deve necessariamente recorrer à explicação econômica, com seus conceitos de força e seus modelos

energéticos, profundamente estranhos ao sentido? O ensaio *Da Interpretação*, em grande parte, é dedicado ao estudo desta questão. Para Ricoeur, o discurso psicanalítico é simultaneamente energético e hermenêutico, explicativo e interpretativo, pois nele entrecruzam-se conceitos de força (pulsão, recalque, energia, deslocamento, investimento etc.) e conceitos de sentido (representantes pulsionais, fantasia, sintoma, sentido manifesto, sentido latente, sobredeterminação etc.) (cf. Ricoeur, 1977, p.216; 1965, p. 255). No entender de nosso pensador, “essa ambiguidade aparente é bem fundada” e “esse discurso misto é a razão de ser da psicanálise” (1977, p.67; 1965, p. 75).

Longe de separar a doutrina freudiana do método psicanalítico ou a explicação tópico-econômica, pretensamente positivista e naturalista, da interpretação clínica, Ricoeur abraça as duas vertentes do discurso psicanalítico, assumindo-o, portanto, integralmente. Neste sentido, por certo tendo em vista a distinção de Dalbiez, o pensador francês afirma:

não podemos mais contentar-nos, como há vinte anos, em distinguir método e doutrina. Sabemos, agora, que nas ciências humanas, a ‘teoria’ não é um acréscimo contingente: é constitutiva do objeto mesmo, é ‘constituente’ (...). A ‘metapsicologia’ (...) é a doutrina, mas a doutrina enquanto torna possível a constituição mesma do objeto. Aqui, a doutrina é método (Ricoeur, 1978, p. 88; 1969, p. 102).

Esta postura epistemológica se enraíza na distinção hermenêutica clássica entre *explicação* e *compreensão*. Com efeito, referindo-se às reformulações operacionalistas, que, conforme mostramos, tentam reduzir a situação analítica a uma descrição de observáveis, ignorando que ela é, antes de tudo, uma situação de linguagem, Ricoeur observa: “A experiência analítica tem muito mais semelhança com a compreensão histórica que com a explicação natural”. Na verdade, a metapsicologia não deve ser comparada à teoria dos genes ou dos gases, mas à teoria da motivação histórica (1977, p. 303s; 1965, p. 365s). Na discussão epistemológica da psicanálise deve-se, portanto, abandonar o domínio do positivismo lógico para retomar “a distinção que Brentano, Dilthey e Husserl tinham no espírito, quando opuseram a *compreensão* do psíquico ou da história e a *explicação* da natureza” (Ricoeur, 1977, p. 297; 1965, p. 355. Grifos nossos).

Ricoeur endossa a terminologia hermenêutica clássica, mas, contestando equivocadamente W. Dilthey, declara que não admite, como o faz uma certa “hermenêutica romântica”, a alternativa “desastrosa” entre o explicar e o compreender. Ao contrário, seu projeto é buscar “a complementaridade entre estas duas atitudes” (cf. Ricoeur, 1986, p. 75): há que se superar a dissociação “brutal” por uma “fina dialética” “Por dialética”, esclarece-nos Ricoeur, “entendo a consideração segundo a qual explicar e compreender não constituem polos de uma relação de exclusão, mas momentos relativos de um processo complexo que podemos denominar interpretação” (Ibid., p.162) (12).

A explicação das forças amplia a compreensão do sentido. A interpretação, portanto, é a compreensão enriquecida pela explicação “Explicar mais, para melhor compreender”, sintetiza Ricoeur, no seu mote famoso. É a explicação que permite à compreensão ultrapassar o sentido imediato em direção ao sentido latente, o verdadeiro sentido.

Esta proposta tem uma dimensão epistemológica e outra ontológica. Por um lado revela que entre as duas classes de ciências existem tanto continuidade como descontinuidade.

o termo ‘explicar’ designa a tese da não-diferenciação, da continuidade epistemológica entre ciências da natureza e ciências do homem, enquanto o termo ‘compreender’ anuncia a reivindicação de uma irreducibilidade e de uma especificidade das ciências do homem (Ricoeur, 1986, p.161).

Por outro lado, ao reconhecer a presença do compreender no coração das ciências humanas, a solução de Ricoeur indica que o problema epistemológico de tais disciplinas é também um problema ontológico. Heidegger empenhou-se para superar a “epistemologia da interpretação” de Schleiermacher e Dilthey por uma “ontologia da compreensão”. A pergunta do autor de *Ser e Tempo* não é mais: “Como sabemos?”, mas “Qual o modo de ser desse ser que só existe ao compreender?” A compreensão, portanto, não é mais, nesta perspectiva, um “modo de conhecer”, mas um “modo de ser”, ou seja, o que Heidegger denomina “existencial”. A pertença do *Dasein* ao ser,

anunciada na compreensão, antecede toda oposição de um objeto cognitivo a um sujeito cognoscente (cf. Ricoeur, 1978, p. 11-13; 1969, p.12-15; 1986, p. 89-95). O conhecimento, segundo o pensador alemão, é um modo de ser derivado do “ser-no-mundo” (cf. Heidegger, 1964, p. 28; 57; Jardim Andrade, 1982).

Ricoeur, porém, abandona a “via curta” de Heidegger, para seguir uma “via longa” e árdua, que passa, necessariamente, pela metodologia das ciências humanas. Heidegger não nos oferece meios para retomar “a questão epistemológica após a ontologia” (P. Ricoeur, 1986, p. 95). Por isto, ao optar pela “via longa”, Ricoeur, referindo-se à obra máxima de Heidegger, assevera: “Seria preciso que uma antropologia filosófica tentasse em nossos dias, com os recursos da linguística, da semiologia e da psicanálise, refazer o trajeto indicado por *Sein und Zeit*” (1978, p.261).

Justamente porque o compreender está no coração das ciências humanas, a reflexão precisa delas para desvelar a existência, ou seja, para alcançar um modo de ser que permanece “de ponta a ponta *ser interpretado*” (1978, p. 14; 1969, p.15). Contudo, se a filosofia carece das ciências humanas, as disciplinas hermenêuticas precisam também da filosofia e saem enriquecidas ao serem incorporadas à reflexão fenomenológico-hermenêutica. As relações entre ciências humanas e filosofia são, portanto, dialeticamente fecundas: beneficiam ambos os termos (cf. Jardim Andrade, 2000)

5. O DISCURSO MISTO: ENERGÉTICO E HERMENÊUTICO

Conforme dissemos, o método interpretativo e compreensivo, essencial à psicanálise, não pode justificar-se sem a explicação oferecida pelos modelos tópicoeconômicos, sem os conceitos de força que Freud foi buscar nas ciências da natureza, em particular, na física e na biologia. Contudo, não é possível definir tais forças “em si mesmas”, fazendo-se abstração da distorção de sentido. Os conceitos psicanalíticos de

força estão vinculados necessariamente ao sentido. A dimensão causal (energética), não pode ser isolada em si mesma, como único princípio explicativo do comportamento. Como nos esclarece Charles Taylor em seu comentário ao ensaio *Da Interpretação*,

As forças em causa operam sobre os desejos e as representações de desejos (...). Perguntar o que podem ser tais forças em si mesmas, isto é, fora de sua ação devastadora sobre o sentido, é colocar uma pseudoquestão (...). Evocar forças *psíquicas* sem vínculos com as transformações de sentido, é falar para nada dizer (Taylor, 1975, p. 131).

Em outros termos: é na dialética da explicação das forças e da compreensão do sentido que a psicanálise interpreta o comportamento humano.

Procuramos, contudo, seguindo mais algumas indicações de Taylor, precisar a noção de força em psicanálise. Tomemos o exemplo do recalque. Não podemos entendê-lo apenas como o desaparecimento de certo conteúdo da consciência. Significa, também, que este conteúdo não é admitido na consciência, que sofreu uma fixação, que atrai e expulsa outros conteúdos e que, portanto, é um foco de perturbações possíveis. Ora, tudo isto coloca em jogo forças e, para bem discerni-las, é preciso *descrevê-las como forças*, do contrário nos limitaríamos à enumeração de seus efeitos. É por isto que, para explicar o recalque, a metapsicologia recorre às noções de deslocamento, pressão, investimento, desinvestimento, contrainvestimento etc. Não se trata, é claro, de um deslocamento ou de um investimento físico. Quer dizer, o teórico da psicanálise emprega imagens, metáforas, para explicar o recalque. O próprio Freud nos adverte de que a linguagem psicanalítica é necessariamente uma “linguagem figurada” (Freud, 1975, p. 79).

Qual o estatuto destas imagens (...)? Justamente o de imagens, de termos cujo emprego apropriado se encontra em outros domínios: mecânico, hidráulico, econômico, mas que são utilizados aqui num sentido figurado. O que é característico da psicanálise – e, cremos, das ciências humanas em geral – é que ela não pode dispensar tais imagens (...). As metáforas se impõem... (Taylor, op. cit., p.135) (13).

Continuando a sua análise da epistemologia da psicanálise proposta por Ricoeur, Taylor distingue vários níveis de sentido. Inicialmente, pode-se dizer que o comportamento humano tem sentido, na medida em que se orienta para objetivos externos. Minha ação visa a determinado *fim* e isto lhe dá, ao mesmo tempo, uma *direção* e um *critério de avaliação*. Até aqui não se nota qualquer diferença entre o comportamento animal e o humano. Este último, contudo, inclui outra modalidade de sentido: seus desejos e emoções são “objetos intencionais”, isto é, “são compreendidos à luz de certos conceitos ou através de certas imagens, em síntese, com auxílio de certas significações”. No homem, os “instintos” e outras constantes, quaisquer que sejam, não se mantêm sempre idênticos, mas, ao contrário, são vividos num número inesgotável de variáveis, ou seja, são significados e resignificados dos mais diferentes modos (14). Aprender o sentido de um comportamento, portanto, não é apenas identificar seu objetivo, mas elucidar sua dimensão intencional (cf. Taylor, *ibid.*, p. 128s).

Uma existência ao abrigo das forças descritas pela psicanálise e pelas ciências humanas, em geral, seria, como observa Taylor, absolutamente clara e transparente. Neste caso, nossas ações e sentimentos se explicariam a partir de objetivos e intenções, fins e desejos imediatamente cognoscíveis. O comportamento humano seria de ponta a ponta teleológico. Para explicá-lo, talvez, fosse suficiente a lógica das significações unívocas (a lógica simbólica) e a compreensão, possivelmente, se diluiria nesta explicação. Ora, o que a psicanálise nos mostra é justamente o contrário: o texto manifesto de nossa vida é constantemente violentado em sua lógica pelo sem-sentido aparente ou pelo contra-sentido. “Sofremos a ação de forças que brotam de nós mesmos e que nós nem compreendemos nem dominamos” (Taylor, *ibid.*, p.131). Daí a necessidade de se interpretar o comportamento e de se recorrer a uma linguagem ambígua e metafórica para explicá-lo. As forças que distorcem o sentido exigem outra linguagem, que não a linguagem unívoca da lógica simbólica, para serem apreendidas.

Ricoeur, ao introduzir o leitor nos temas centrais de *Da Interpretação*, explica-nos que a linguagem lógica expulsa toda ambiguidade, rompe radicalmente com a linguagem ordinária. Ora, “a interpretação consiste menos em suprimir a ambiguidade

que em compreendê-la e em explicar sua riqueza” (1977, p. 50; 1965, p.56). A hermenêutica, portanto, dispensa a formalização da lógica simbólica e introduz

na própria natureza do pensamento reflexivo o princípio de uma lógica do duplo sentido, complexa e não arbitrária, rigorosa em suas articulações, mas irredutível à linearidade da lógica simbólica. Essa lógica deixa de ser uma lógica formal, para ser uma lógica transcendental (Ricoeur, 1977,p. 49; 1965, p. 56).

O *a priori* desta lógica transcendental, contudo, não é o *a priori* kantiano. Trata-se, antes, dos “signos esparsos na cultura”, do universo simbólico, portanto, “de um novo campo de experiência, de objetividade e de realidade”, distinto daquele pensado pela filosofia de Kant (cf. Ricoeur, 1977, p. 52; 1965, p. 59s). Em síntese: a linguagem ambígua, as expressões equívocas e metafóricas estão aí, no que Husserl denominou “mundo da vida”. A lógica formal não é capaz de pensá-las. Urge, então, recorrer a outra lógica, isto é, à lógica do duplo sentido, própria da reflexão hermenêutica, para resgatar a linguagem cotidiana, ou seja, em termos kantianos, para investigar as condições de possibilidade de uma tal linguagem. Ora, se a reflexão, com sua lógica própria, pode recuperar os múltiplos sentidos da linguagem ordinária – “o símbolo faz pensar”, diz Ricoeur (1977, p. 46; 1965, p. 53) –, é capaz também de justificar e resgatar o discurso metafórico e ambíguo da psicanálise.

6. CONCLUSÃO

Tanto a leitura do discurso freudiano empreendida por Ricoeur em *Da interpretação*, como a apropriação deste discurso pela reflexão fenomenológico-hermenêutica emergiram da discussão do “problema epistemológico do freudismo”, o tema central do presente artigo (15). À guisa de conclusão, lembraremos os principais momentos desta transformação da discussão epistemológica no que poderíamos talvez denominar, na esteira do Heidegger de *Ser e tempo*, tal como repensado por Ricoeur, “analítica existencial”.

No Livro II do ensaio *Da interpretação*, como já tivemos a oportunidade de lembrar, Ricoeur empreende uma leitura admirável do discurso freudiano, cujo fio condutor é a assunção da sua dupla vertente: energética e hermenêutica. Trata-se, no dizer do próprio filósofo, de uma “reconstituição arquitetônica” da obra de Freud. O seu intento não é coincidir com esta obra, no sentido bergsoniano, mas reconstruí-la, vale dizer, produzir “um homólogo” ou um “objeto suplente” que apresente “o mesmo arranjo da obra” (cf. Ricoeur, 1978, p. 138s; 1969, 161-163). Esta reconstrução começa pelo estudo do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), ensaio inacabado e póstumo, correspondente, no dizer do pensador francês, “ao estado não hermenêutico do sistema”. Em seguida, aborda *A Interpretação de Sonhos* (1900), possivelmente o livro mais importante de Freud, no qual “a explicação está explicitamente subordinada à interpretação” (Ricoeur, 1977, p. 83; 1965, p. 89). De fato, depois de expor a interpretação clínica dos sonhos e os mecanismos oníricos que esta lhe revelou (condensação, deslocamento, figuração e elaboração secundária), Freud, no último capítulo desta obra - o famoso e, no dizer do próprio Ricoeur, “difícil” capítulo VII -, tendo em vista explicar os sonhos como a realização disfarçada de desejos recalçados, substitui o aparelho neurônico do *Projeto* pelo aparelho psíquico ou anímico, o qual, embora não comporte qualquer localização anatômica, é metaforicamente concebido como dinamizado pelo que o autor denomina “energia psíquica”. Esta “leitura de Freud” proposta por Ricoeur se encerra com a análise dos escritos de *Metapsicologia* (1915), que expõem a plena articulação dos conceitos de força com os de sentido, da explicação metapsicológica com a compreensão clínica do sentido, em suma, da energética com a hermenêutica. Convém lembrar que esta leitura, sintetizada na comunicação que Ricoeur apresentou ao VIº Colóquio de Bonneval sobre *O Inconsciente*, que teve lugar em 1960 – cinco anos antes, portanto, da publicação de *Da Interpretação* -, causou uma “forte impressão” no próprio Lacan, como testemunha o psicanalista René Major, presente, como o autor dos *Écrits* (1966), ao evento (cf. Major, 1994, p.175).

No Livro III, depois de apresentar a sua discussão do “problema epistemológico do freudismo”, Ricoeur, apropriando-se corajosamente da metapsicologia, ou seja, do que a psicanálise tem de mais “antifenomenológico”, empreende uma arqueologia e uma teleologia do sujeito. Desta reflexão, construída no horizonte fenomenológico-

hermenêutico, emerge uma nova antropologia filosófica, que, ao assumir “a dialética do consciente e do inconsciente” (1978, p. 88; 1969, p.102) desaloja a consciência como sede do sentido e pensa a existência como desejo. Por um lado, contestando Descartes e a identificação moderna do sujeito ao *cogito*, Ricoeur sustenta que “uma filosofia da reflexão (...) não é uma filosofia da consciência se por consciência entendermos a consciência imediata de si”. A consciência não está no ponto de partida, mas no ponto de chegada. “A consciência (...) é uma tarefa”, afirma lapidarmente o pensador francês (cf. Ricoeur, 1977, p. 46; 1965, p. 51) A evidência fulgurante, mas abstrata e vazia do *cogito*, precisa ser preenchida pela reflexão concreta, pela reflexão hermenêutica. “O verdadeiro *cogito* deve ser conquistado sobre todos os falsos *cogito* que o mascara” (Ricoeur,1978, p. 138; 1969, p. 161). A reflexão, por conseguinte, não é intuição, como pretendia Descartes, mas interpretação. Por outro lado, uma vez incorporada à “aventura da reflexão”, a leitura de Freud empreendida por Ricoeur leva-nos a afirmar, em contraste com a tendência predominante da metafísica ocidental, que a representação, antes de ser representação do mundo, é “anúncio” do energético no psiquismo, antes de ser “ideia de algo” (Ricoeur, 1977, p. 117; 1965, p. 138), é nomeação finita do infinito do desejo. O homem não é fundamentalmente consciência, mas inconsciente, não é conhecimento, mas apetição, não é razão, mas desejo. *Eros* e não *Logos* é “o sum do cogito”. Eis a metapsicologia transfigurada em ontologia pelo milagre da reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASSOUN, P.L. *Introduction à l'épistemologie freudienne*, Paris: Payot, 1981. Em português: *Introdução à epistemologia freudiana*, Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BETTELHEIM, B. *Freud et l'âme humaine*, Paris: Robert Laffont, 1984. Em português: *Freud e a alma humana*, São Paulo: Cultrix, 1982.
- DALBIEZ, R. *La méthode psychanalytique et la doctrine freudienne*, 2 vol., Paris: DESCLÉE DE BROUWER. 1949 (1936). Em português: *A doutrina freudiana e o método psicanalítico*, Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- DILTHEY, W. *Critique de la raison historique: Introduction aux sciences de l'esprit*. Trad. francesa, Paris: Cerf, 1992. Em português: *Introdução às ciências humanas –*

tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Forense Universitária, 2010.

_____. *L'Édification du monde historique dans les sciences de l'esprit*. Trad. francesa, Paris: Cerf, 1988. Em português: *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Unesp, 2010.

FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1975, Pequena Coleção das Obras Completas de Freud (sigla: PC).

_____. *A interpretação dos sonhos* (1900). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1972, Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud (2 vol.).

_____. *Metapsicologia* (1915). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1974, PC.

_____. *Além do princípio do prazer* (1920). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1975, PC.

_____. *O Ego e o id* (1923). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1975, PC.

_____. *Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1932). Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Imago 1976, PC.

Jardim Andrade, R. A gênese do conhecimento segundo Heidegger, *Reflexão*, ano VII, nº 23, PUC de Campinas, maio-agosto, 1982.

_____. *A contribuição da psicanálise freudiana para uma nova compreensão da existência, segundo o pensamento de Paul Ricoeur*. Dissertação de mestrado.

Departamento de Filosofia da UFRJ, 1984 (2 vol.)

_____. O modelo hermenêutico de reflexão: o diálogo entre filosofia e ciências humanas no pensamento de Paul Ricoeur. In: A. Lorenzon, Cl. Góis e Silva (org.) *Ética e hermenêutica na obra de Paul Ricoeur*. Londrina: UEL, 2000.

HARTMANN, H. *Psicologia do ego e o problema da adaptação*, trad. brasileira, Rio de Janeiro: BUP, 1968.

HEIDEGGER, M. *L'être et le temps*. Trad. francesa, Paris: Gallimard, 1964. Em português: *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1995 (2 vol.).

LACAN, J. *Écrits*, Paris: Seuil, 1966.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulaire de la psychanalyse*, Paris: PUF, 1967. Em português: *Vocabulário da psicanálise*, São Paulo: Martins fontes, 1970.

- LAPLANCHE, J.; LECLAIRE, S. L'inconscient: une étude psychanalytique. In: *L'inconscient (VI Colloque de Bonneval)*. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.
- MAJOR, R. Paul Ricoeur et la psychanalyse. In: J.-Ch. Aeschlimann (org.), *Éthique et responsabilité: Paul Ricoeur*. Neuchâtel: La Bacconière, 1994.
- MESURE, S. *Dilthey et la fondation des sciences historiques*. Paris: PUF, 1990.
- PANDO, J.C. Psicanálisis y ciência. *Estudios filosóficos*, set., 1978, vol. XXVIII, p. 433-495.
- NAGEL, E. Methodological issues in psychoanalytic theory. In: S. Hook (org.), *Psychoanalysis, scientific method and philosophy*, New York: Grove Press, 1959, p. 38-56.
- POPPER, K. Karl Popper, *A lógica da pesquisa científica*, trad. brasileira, São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. *Conjecturas e refutações*. Trad. portuguesa, Coimbra: Almedina, 2003.
- RICOEUR, P. *De l'interprétation, essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965. Em português: *Da interpretação, ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique*. Paris: Seuil, 1969. Em português: *O Conflito das Interpretações: Ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986. Em português: *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés, 1990.
- _____. *La critique et la conviction, entretien avec Francois Azouvi et Marc de Launay*, Paris: Calmann-Levy, 1995. Em português: *A crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. *Écrits et conférences 1. Autour de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 2008.
- RAPAPORT, D. *A estrutura da teoria psicanalítica*. Trad. brasileira, São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SKINNER, B. F. *O mito da liberdade*. Trad. brasileira, Rio de Janeiro: Bloch, 1971.
- _____. *Sobre o behaviorismo*. Trad. brasileira, São Paulo: Cultrix, 1999.
- Taylor, Ch. Force et sens, les deux dimensions irréductibles d'une science de l'homme. In: G. Brent Madison (org.) *Sens et existence, en hommage à Paul Ricoeur*, Paris: Seuil, 1975.

ZACCAÏ-REYNER, N. (org.) *Explication-Compréhension: Regards sur les sources et l'actualité d'une controverse épistémologique*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2003.

NOTAS:

(1) Ricoeur expõe, em particular, a crítica “devastadora” do lógico Ernest Nagel à psicanálise (cf. E. Nagel, 1959. Apud Ricoeur, 1977, p. 328; 1965, p.338).

(2) Ricoeur continua: “A superposição do sistema secundário ao sistema primário e as noções de censura, de defesa, de recalque, dizem respeito evidentemente a este tipo” (1977, p. 288; 1965, p. 432; cf. Rapaport, 1982., p. 9-13).

(3) O objetivo terapêutico e, também, pedagógico da psicologia do ego é a adaptação do indivíduo ao meio. “O ego é concebido antes de mais nada como um aparelho de regulação e de adaptação à realidade, cuja gênese se procura descrever, por processos de maturação e de aprendizagem, a partir do equipamento senso-motor do latente” (Laplanche, Pontalis, 1970, p. 184).

(4) Como se sabe, as pesquisas sobre o cérebro das últimas décadas levam, não raro, os neurocientistas a afirmar que, finalmente, a ciência conseguiu entrar na caixa negra, vale dizer, no cérebro.

(5) Charles Taylor nos sugere o seguinte exemplo que pode ser útil para entender a proposta operacionalista de Rapaport: “Tal como em termodinâmica o movimento e os choques das moléculas, que não podem ser observados, revelam-se nas mudanças de temperatura, que podem ser diretamente observadas, do mesmo modo, admite-se que em psicanálise, o recalque, a fixação, o deslocamento, e outros fatores que não são diretamente acessíveis, produzem comportamentos que caem sob os sentidos: sintomas, fobias etc.” (Taylor, 1975, p. 127).

(6) *Voeu* no original francês.

(7) A distinção freudiana entre necessidade e desejo, posta em relevo muito oportunamente por importantes teóricos franceses da psicanálise (J. Laplanche, J.-B. Pontalis, J. Lacan) corresponde à primeira classificação das pulsões. Freud distingue a ordem biológica das necessidades vitais (comer, beber, dormir) da ordem sexual do desejo. Enquanto o objeto da necessidade é real e proporciona satisfação, o objeto do desejo é irreal (imaginário e simbólico) e provoca prazer. A sexualidade humana pertence às duas ordens. É enquanto desejo, porém, que ela se diferencia fundamentalmente da sexualidade animal (Sobre este tema cf. Laplanche, Pontalis, 1970, p. 158-160; 454-474).

(8) Como estas considerações o revelam, Ricoeur endossa parcialmente o modelo linguístico do inconsciente, tal como formulado por J. Lacan . Em *Da interpretação*, ele discute, sobretudo, a comunicação de J. Laplanche e S. Leclaire - ambos discípulos de Lacan, na época (enquanto Leclaire permaneceu sempre fiel a Lacan, Laplanche foi o seu primeiro discípulo dissidente) - ao VIº Colóquio de Bonneval, que ocorreu em 1960, comunicação esta denominada “O inconsciente: um estudo psicanalítico” (cf. J. Laplanche, S. Leclaire, 1966). Referindo-se ao famoso estudo de Lacan intitulado “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse” (cf. Lacan, 1966), Ricoeur observa: “Minha crítica às ‘reformulações’ behavioristas da psicanálise está muito próxima da crítica que se poderia tirar deste artigo”. Contudo, Ricoeur critica, também, o modelo lacaniano do inconsciente, pois ele “elimina a energética em benefício da linguística” (Ricoeur, 1977, p. 332; 1965, p. 392).

(9) Esta obra foi traduzida em 1947 para o português pelo professor José Leme Lopes e exerceu grande influência sobre os meios psicanalíticos do Brasil (cf. Dalbiez, 1947).

(10) Assoun critica Dalbiez e Hyppolite por tratarem Freud como “um filho ingênuo do saber”, como um pesquisador que teoriza com “a inocência epistemológica do não filósofo” e, por isto mesmo, produz uma doutrina que requer um outro saber, como o fenomenológico, para ser salva do “demônio positivista” (cf. Assoun, op. cit., p. 24s). Na obra em questão, a saber, *Introdução à epistemologia freudiana*, Assoun demonstra que a metapsicologia constitui um trabalho teórico original, extremamente sofisticado e muito bem articulado com o pensamento científico de sua época.

(11) Este é o título de uma série de conferências pronunciadas por Ricoeur em 1961 na Universidade de Yale, conferências estas que constituíram o embrião do ensaio *Da Interpretação* de 1965, como o próprio Ricoeur o indica ao iniciar a sua leitura de Freud (*Energética e hermenêutica*) retomando este mesmo título (cf. 1977, p. 67; 1965, p. 75).

(12) Convém lembrar que S. Mesure, em seu ensaio sobre a o pensamento Dilthey (Mesure, 1990), demonstra que na segunda fase de sua reflexão epistemológica (cf. Dilthey, 1988) este filósofo sustenta que as ciências do espírito são compreensivas e explicativas (e não apenas compreensivas).

(13) “As metáforas energéticas” diz Ricoeur referindo-se ao discurso psicanalítico, “substituem aqui a linguagem fraquejante da intenção e do sentido” (1977, p. 316; 1965, p. 383).

(14) Justamente por isto Freud emprega o termo *pulsão (Trieb)* e não *instinto (Instinkt)*, para designar a sexualidade humana.

(15) Cf. acima nota 11.